1938 – DEPOIS DE MUNIQUE

Winston Churchill

O que quer que possamos pensar da "paz para o nosso tempo", o Sr. Chamberlain[1] estava cada vez mais convicto da necessidade de separar a Itália da Alemanha. Considerava, firmemente, que havia ganho a amizade de Hitler. Para completar a sua obra, precisava de obter a simpatia da Itália mussoliniana, a fim de criar um contrapeso à reconciliação custosamente adquirida com a Alemanha. Nesta nova tentativa de aproximação com o ditador italiano, procurava obter a cooperação da França. Era preciso espalhar benquerença por toda a parte. [...]

No final de Novembro, o primeiro-ministro e Lorde Halifax[2] deslocaram-se a Paris. O governo francês aderiu, sem entusiasmo, ao projecto da viagem a Roma do Sr. Chamberlain; mas o primeiro-ministro e Lorde Halifax ficaram agradados por saber que, agora, a França tencionava, por seu turno, fazer uma declaração análoga à declaração inglesa sobre as futuras relações anglo-alemãs, assinada por Chamberlain e Hitler em Munique. Em 27 de Novembro de 1938, o Sr. Bonnet[3] enviou uma mensagem ao embaixador da França em Washington, onde lhe expunha as intenções do governo francês.

> O Sr. Neville Chamberlain e Lorde Halifax, no decurso das conversações que ontem tiveram lugar em Paris, exprimiram nitidamente a sua satisfação acerca de uma declaração que, na sua opinião, possui a natureza, tal como a declaração anglo-alemã, de constituir uma contribuição imediata para a obra de apaziguamento internacional.[4]

Para tomar parte nestas discussões, von Ribbentrop[5] veio a Paris, acompanhado do Dr. Schacht[6]. Os alemães esperavam obter, não só uma declaração de boa-vizinhança, mas também acordos económicos concretos. Obtiveram a primeira, que foi assinada em Paris em 6 de Dezembro, mas o próprio Sr. Bonnet não estava disposto a aceitar os segundos, por mais fortemente que se sentisse tentado em se assumir como arquitecto da aproximação franco-alemã.

Por outro lado, a missão de von Ribbentrop em Paris era motivada por razões mais profundas. Do mesmo modo que o Sr. Chamberlain esperava separar Roma de Berlim, Hitler julgava ser possível afastar Paris de Londres. A versão dada pelo Sr. Bonnet da sua conversa com von Ribbentrop não é desprovida de interesse:

> No respeitante à Grã-Bretanha, fiz notar ao Sr. von Ribbentrop o papel que deveria ter o melhoramento das relações germano-britânicas em todo o desenvolvimento da política de apaziguamento europeia, considerada como finalidade essencial de toda a cooperação franco-alemã. O ministro dos Negócios Estrangeiros alemão esforçou-se por relançar sobre o governo britânico a responsabilidade do actual estado das coisas. O governo e, sobretudo, os jornais britânicos, depois de terem parecido mostrar, nos tempos que se seguiram a Munique, uma certa compreensão, passaram a adoptar uma atitude decepcionante para com o governo de Berlim; as manifestações que se multiplicaram no Parlamento, pela acção dos Srs. Duff Cooper, Eden, Churchill e Morrison, e certos artigos da imprensa, foram vivamente ressentidos na Alemanha, onde não pudemos evitar as reacções dos jornais.

[1] Primeiro-ministro britânico. (Nota do tradutor)
[2] Ministro dos Negócios Estrangeiros britânico. (Nota do tradutor)
[3] Ministro dos Negócios Estrangeiros francês. (Nota do tradutor)
[4] *Livro Amarelo* francês, p. 32.
[5] Ministro dos Negócios Estrangeiros alemão. (Nota do tradutor)
[6] Hjalmar Schacht era o presidente do Reichsbank. (Nota do tradutor)

> Sublinhei, novamente, o carácter fundamental e inabalável da solidariedade franco-britânica, indicando de forma muito clara que uma verdadeira *détente* franco-alemã não podia conceber-se sem uma *détente* anglo-alemã paralela.[7]

Tem havido grande controvérsia em torno da questão de saber-se quem, dentre Hitler e os Aliados, melhor aproveitou o ano que se seguiu a Munique para aumentar o seu potencial militar. Muitas pessoas, na Grã-Bretanha, conhecendo o nosso desprovimento, experimentavam uma sensação de alívio à medida que, de mês para mês, a nossa aviação se desenvolvia e que os aviões do tipo *Hurricane* e *Spitfire* estavam prestes a tornar-se operacionais. O número de esquadrilhas constituídas aumentava e os canhões antiaéreos multiplicavam-se. O ritmo geral da preparação industrial para a guerra continuava, assim, a acelerar-se. Mas estes melhoramentos, por mais preciosos que parecessem, eram insignificantes quando comparados com a considerável superioridade do armamento alemão. Como já explicámos, a produção de munições, no plano nacional, é uma tarefa que exige quatro anos. O primeiro ano não dá nada, o segundo pouco dá, o terceiro dá muito e no quarto regista-se uma avalanche. A Alemanha hitleriana, nesta época, encontrava-se já no terceiro ou quarto ano de intensa preparação, e isto num clima ao mesmo tempo de coacção e de entusiasmo, que era quase um clima de guerra. A Grã-Bretanha, pelo contrário, havia trabalhado sem estabelecer um plano de urgência, a um ritmo muito mais baixo e segundo uma escala muito menos vasta.

Em 1938-1939, o conjunto de despesas militares inglesas atingiam 304 milhões de libras[8], enquanto as da Alemanha atingiam, no mínimo, 1.500 milhões de libras.

É provável que, durante o último ano que precedeu a abertura das hostilidades, a Alemanha tenha fabricado, no mínimo, o dobro, talvez mesmo o triplo, das munições produzidas, em conjunto, pela Grã-Bretanha e a França; e, as suas grandes fábricas para a produção de carros de combate [tanques] atingiram a sua capacidade máxima de rendimento. A Alemanha estava, por conseguinte, a rearmar-se a uma cadência bem mais acelerada do que nós.

A subjugação da Checoslováquia privou os Aliados da colaboração do Exército Checo (21 divisões do activo e 15 ou 16 de reserva já mobilizadas) e também da sua linha de fortalezas de montanha, que, na época de Munique, havia exigido o empenhamento de 30 divisões, ou seja, o essencial da parte dos efectivos motorizados e melhor preparados do Exército Alemão. Segundo os generais Halder e Jodl[9], no momento dos acordos de Munique, só 13 divisões alemãs tinham permanecido a oeste, das quais apenas 5 compostas por tropas de primeira linha. Na verdade, com a queda da Checoslováquia, tínhamos sofrido, certamente, uma perda equivalente a cerca de 35 divisões. Além disso, as fábricas *Skoda* mudaram de campo em nosso prejuízo, fábricas que constituíam, em importância, o segundo arsenal da Europa Central, e cuja produção, entre Agosto de 1938 e Setembro de 1939, quase igualava, isoladamente, o rendimento real das indústrias de armamento inglesas da época. Enquanto a Alemanha inteira trabalhava a um ritmo intenso e mesmo quase a um ritmo de guerra, a Frente Popular francesa tinha posto em vigor, desde 1936, a semana de quarenta horas, há muito reclamada.

A mudança que se produziu no potencial relativo dos exércitos francês e alemão foi ainda mais desastrosa. A partir de 1938, o Exército Alemão via aumentar, de mês para mês, não somente os seus efectivos, o número das suas formações e as disponibilidades das suas reservas, mas também a sua qualidade e a sua eficácia. A superioridade, quanto ao treino e à capacidade geral, ia a par de um equipamento que não parava de crescer. O Exército Francês

---

[7] *Livro Amarelo* francês, pp. 43-44.

[8] 1937-1938 : 234 milhões de libras; 1938-1939 : 304 milhões de libras; 1939-1940 : 367 milhões de libras.

[9] Halder era o Chefe do Estado-Maior do Exército e Jodl o Chefe de Operações do Alto Comando do Exército. (Nota do tradutor)

não podia ambicionar a nada de semelhante, em termos de preparação e em número. Estava ultrapassado em todos os aspectos. Em 1935, a França, sem a ajuda dos seus antigos aliados, teria podido invadir e reocupar a Alemanha, quase sem séria resistência. Em 1936, a sua esmagadora superioridade continuava a não oferecer qualquer dúvida. Sabemos, actualmente, graças às revelações alemãs, que essa situação ainda se mantinha em 1938; e foi o conhecimento das suas fraquezas que levou o Alto Comando alemão a fazer todo o possível no sentido de dissuadir Hitler de cada um dos bem-sucedidos golpes de força, pelos quais foi reforçado o seu prestígio. Durante o ano que se seguiu a Munique, o Exército Alemão, ainda que mais débil em reservistas instruídos do que o Exército Francês, quase logrou atingir o seu rendimento máximo. Recrutado numa população quase duas vezes maior do que a da França, só precisava de um pouco mais de tempo para que se tornasse o mais forte em todos os aspectos. Também do ponto de vista moral, os alemães possuíam a vantagem. O abandono de um aliado, sobretudo por medo de uma guerra, tem sempre como resultado o sabotar o moral de um exército. A sensação de ter sido forçado a ceder deprime ao mesmo tempo os oficiais e os soldados. Enquanto do lado alemão a confiança, os êxitos e o sentimento de um poderio crescente inflamava os instintos belicosos da raça, a constatação da própria fraqueza desencorajava, em França, os militares de todas as patentes.

In Winston Churchill, *The Second World War*.

Tradução de David Martelo a partir da versão francesa da obra – *Mémoires sur la deuxième Guerre Mondiale – Vol. I – L'Orage Approche – D'Une Guerre à l'autre – 1919-1939*, Plon, Paris, 1948, pp. 342-345. – Setembro de 2019